

A visualidade em Monteiro Lobato

Renata Vilanova Lima

Visualidade: qualidade do que é visual

O presente estudo propõe uma reflexão sobre a presença visual no texto de Monteiro Lobato para crianças – a partir de sua percepção visual, de sua paixão pelas belas artes, de pinturas e ilustrações.

A partir do livro *Furacão de Botocúndia*, constatamos a veia artística do escritor e sua vocação inata para a pintura. A seguir, portanto, destacamos essa faceta e relacionamos com a presença muito forte de uma visualidade em sua Obra.

Vimos aqui para apresentar um escritor que pintava com palavras traçando um paralelo entre suas pinturas, ilustrações e caricaturas com seu texto e apresentando todos os elementos em sintonia. Monteiro Lobato não podia se dizer aquarelista, mas pintava aquarela. Não podia se dizer caricaturista, mas fazia caricaturas. E quando criou o livro “*Saci, resultado de um inquérito*”, ilustrou o Saci, pediu que descrevessem visualmente como os leitores imaginavam o saci.

Fica registrado que entender a visualidade em Monteiro Lobato faz-nos compreender mais não apenas do *Lobato* escritor, mas do *Lobato* editor que selecionava ilustradores conceituados da época para ilustrarem e fazerem o projeto gráfico de seus livros.

A visualidade em Monteiro Lobato e sua preocupação com o design –

trechos deste item foram extraídos do livro “*Furacão de Botocúndia*, no capítulo: A paleta do escritor (referência completa na bibliografia)

“No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério (...) arranjei esse derivado de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com

palavras. Minha impressão dominante é puramente visual.” – trecho de carta ao amigo Godofredo Rangel.

Monteiro Lobato teria virado pintor, não fosse ter confundido uma caixa de óleo com aquarela, e desistido da vocação inata: “Como pretende ser pintor um imbecil que nem distingue aquarela de óleo?” – comenta o escritor.

“No entanto, desistindo de uma arte, caiu nos braços de outra. Fez-se escritor, em uma transposição vocacional que se refletiria por toda sua obra. ‘Há em seu estilo todas as cores da palheta do pintor. E a pintura escrita de Monteiro Lobato é excepcionalmente boa – larga, sem insistência em detalhes inúteis e de pinceladas elegantes. Descrevendo com riqueza de detalhes um cotidiano com o qual todos logo se identificam. *Lobato* – graças à sua veia de pintor – empresta enorme visualidade aos personagens e cenários, dotando-os de vida a ponto de torná-los quase tangíveis.”

Periodicamente Monteiro Lobato desenhava, mas como hobby. Era crítico tão severo consigo mesmo que jamais pretendeu expor seus trabalhos. Em 1909 chegou a participar de um concurso de cartazes, no Rio de Janeiro, mas apenas colaborou com algumas caricaturas e ilustrações para revistas da época, como a *Fon-Fon* e *Vida Moderna*. Ao lançar *Urupês* encarregou-se, ele próprio – autodefinindo-se no livro como “um curioso sem estudos” –, das ilustrações para a primeira edição.

“Pintou até os últimos dias de vida – preferencialmente aquarelas – e impregnou suas histórias de colorido e formas, como se fossem quadros. Estabelecendo relações sinestésicas entre uma percepção e outra, *Lobato* gostava de brincar com os tons, emprestando-lhes características inteiramente originais, como no artigo de 1903, redigindo sob o pseudônimo *She* e o *Minarete*. Nele descreve o nascer do dia, quando a fímbria do horizonte a Aurora toma da palheta para dar início à decoração do mundo, espantando o caos negro e definindo as formas, cuja alma é a cor.” Ele ilustra com palavras e sua visualidade é tamanha que podemos ver cada cena, cada insite, cada momento. *Lobato* cria e recria situações ilimitadas de possibilidades, ora certo personagem toma de grande força na história, ora é mero pano de fundo. A própria criança deveria construir seu personagem no seu mundo imaginário.

A visualidade em sua literatura é para Reynaldo Valinho Alvarez: “(...) de qualquer forma, fica patenteada a visão multicolorida das personagens, da dinâmica, da ambientação, de toda a parafernália estilística da literatura infantil de Lobato. Seus livros não apenas lêem, vêem-se com extraordinária nitidez. Há um brilho emanante que ressalta do Sítio de Dona Benta. Essa maravilhosa noção de colorido é um dos atrativos principais da obra lobatiana para crianças (...)” – do livro “*Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*” .

- Personagens que, junto a *Emília*, foram ícones em sua literatura e a importância para um entendimento do *design* em Monteiro Lobato:

– *Jeca Tatu* – caricatura do homem do campo brasileiro

A criação do *Jeca Tatu* também se deve à uma percepção visual do homem do campo brasileiro. A princípio, utilizando-o como “bode expiatório”, o denomina “*A Velha Praga*” – denominando-o como bicho preguiçoso – o que justificava seu fracasso como fazendeiro. Rui Barbosa interpretou como uma valorização do homem do campo. Monteiro Lobato retirara o romantismo para registrar uma caricatura. Escreve também “*Urupês*”.

Reconhecendo, a partir do leitor e da fama gerada pela interpretação de Rui Barbosa, a importância do *Jeca*, o redimensiona. Ilustra. Princípios de conceito, de adequação, de *design*. Finalmente chega a criar o *Jeca Tatuzinho*, onde introduz noções de higiene para crianças.



– Valorização do folclore brasileiro

Em o Estado de São Paulo escreve artigo “*A criação de um estilo*” – publicado em 6 de Janeiro de 1917, onde sugere que se incorporem elementos do folclore nos cursos de arte, especialmente no *Liceu de Artes e Ofícios*, instituição modeladora do gosto estético. Para ele, faunos, sátiros e bacantes – representantes do imaginário europeu entre os brasileiros – poderiam ser facilmente substituídos pelas nossas ninfas correspondentes, como a *Iara*.

Conclama os artistas da terra a realizar o que chama de nosso “7 de setembro estético”, emblematizado na efígie do *Saci*, “satirozinho de grande pitoresco que ainda não penetrou nos domínios da arte, embora já se cristalizasse na alma popular, estilizado ao sabor da imaginativa popular”.

– “*Saci, resultado de um inquérito*”

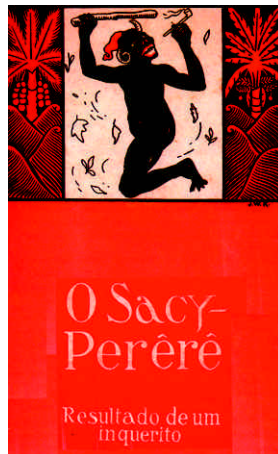
Monteiro Lobato levanta questões de *design* quando propõe em artigo ao Estado de São Paulo (“para tirar a limpo o que de positivo havia na memória de nossa gente sobre o insigne perneta”):

“*Mitologia brasílica*”, anuncia: “O Estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou enquete, como diz o Trianon na sua meia-língua. Sobre o futuro presidente da República? Não, sobre o Saci.” E publica depois de longa pesquisa: “*Saci, resultado de um inquérito*”, contendo as melhores cartas e ilustrações selecionadas.

Ele mesmo ilustra o Saci



capa da publicação



- “O sucesso obtido por ‘Uma velha praga’ e ‘Urupês’ estimula Lobato a publicar ensaio sobre a caricatura no Brasil e uma história em torno da guerra” – trecho do livro “*Furacão de Botocúndia*”, pág. 61.



Caricatura e desenho de Lobato

Há humor e sátira em sua literatura, vindas da sua arte de caricaturar. E traz o imaginário visual do folclore brasileiro. Por isso, a seguir, definimos os termos caricatura, humor e folclore (por ele):

Caricatura: A palavra caricatura deriva do italiano caricare - carregar, sobrecarregar, com exagero. A seguir trechos extraídos do livro “*Caricatura, imagem gráfica do humor*”, de Joaquim da Fonseca:

“A caricatura é um retrato do verdadeiro: enquanto o pintor procura mostrar o retratado de forma idealizada e edificante, o caricaturista revela o modelo como ele é visto pelos outros, ou como poderiam vê-lo. Uma forma expressiva de arte, desde as suas origens, a caricatura tem sido arma ferina e terrorista, uma arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância e a injustiça.(...) A posição da caricatura no campo da arte é a mesma que a sátira e o burlesco na literatura. (...)

Humor na literatura: Na literatura, o humor é um estilo onde se irmanam a graça com a ironia, o alegre com o triste.”

Folclore: “as fábulas em português (...) são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se feito com arte e talento dará coisa preciosa” citação de Monteiro Lobato em Revista da Exposição “Monteiro Lobato: vida, realidade e sonho”, no Museu Histórico Nacional em 1999.

Em 1999 fiz projeto de graduação: “Design e Ilustrações de ‘A menina do Narizinho Arrebitado’, a seguir, segue trecho da pesquisa justificando a importância de conhecer as pinturas de Monterio Lobato para criar a visualidade das personagens:

Criar uma Emília ou um esteriótipo das personagens de Monteiro Lobato seria limitar a imaginação do leitor, pois o próprio *Lobato* cria e recria situações ilimitadas de possibilidades, ora certo personagem toma de grande força na história, ora é mero pano de fundo. A própria criança deveria construir a personagem a partir do seu mundo imaginário. Para isso o estudo das personagens deve ser feito não como uma concepção fechada, e sim assumindo que elas podem estar diferentes na página seguinte. Entretanto, com um conceito definido. Como isso seria? Não amarrar a personagem, mas conceituá-la? Sim, a Emília, por exemplo, pode parecer mais gente que boneca, mas apagada ou expressiva; a Narizinho, pequenina na página (aí vem o design), às vezes do tamanho da Emília, às vezes com muito mais força que ela...

Nessa pesquisa, pude concluir que as personagens de Monteiro Lobato não devem se limitar na forma, como molde único, pois a narrativa se modifica ao longo da história. O ritmo binário de sua literatura proporciona modificar as atitudes das personagens, através do jogo lúdico: ignorância – descoberta: conhecimento adquirido através de aventuras maravilhosas, onde não existe vilões, mas seres que ora ignoram, ora tomam a cena, ora compreendem.

Sobre o conceito geral, os traços quase incompletos fazem a criança completar na sua mente, estimulando a criatividade; imagens muito leves e soltas propõem aproximação da ilustração à criança e de seu universo simples. As personagens devem se assemelhar à época em que Lobato escolhia seus ilustradores, assim dando mais veracidade à elas.

Na exposição *Mundo Encantado de Lobato*, encontramos várias ilustrações e pinturas produzidas por ele, aquarelas! Lobato escrevia pintando com magia, sonho, faz de conta... num limiar quase imperceptível entre realidade e fantasia; e a aquarela passa a ser a técnica mais favorável para representar através de manchas suaves e coloridas a sedução dos seus livros. Esta maneira translúcida de se sobrepor conteúdo: um paralelo com a busca pela verdade, transparência, transformação pela sobreposição de cores. Junto às manchas de aquarela, aguadas; o traço de nanquim incompleto aspira como um limiar entre fantasia e realidade, proposta fundamental do texto de Monteiro Lobato.

Importância de Monteiro Lobato para a Literatura Infantil Brasileira –

Monteiro Lobato foi (e é) um marco para o Brasil, especialmente em sua Literatura Infantil. Criou um universo onde as “crianças pudessem morar”, introduziu folclore, mitologia, ciências, poder crítico... No *Sítio do Picapau Amarelo* encontramos o limiar fantasia-realidade, o faz-de-conta, o conhecimento através de aventuras maravilhosas. No nosso contexto atual, onde o Brasil se encontra com dívidas, falta de segurança, dos princípios básicos para a dignidade e valorização de um povo; chamamos Monteiro Lobato. Uma esperança. A boneca *Emília*, criada por Tia Nastácia (de pano, revestida com macela, olhos de retrós e vestida de retalhos coloridos), desperta a criança para um Brasil da magia dos mamulengos, do folclore, da fada, do sonho, da consciência... Ele trouxe o maravilhoso como possibilidade de ser vivido por qualquer um. Fundiu Real e Fantasia. Nelly Novaes compara Lobato a Lewis Carrol, o criador de Alice, o segundo como antecessor do primeiro neste “achado”.

O Congresso Nacional decretou e o Presidente da República sancionou a Lei nº 10.402, publicada em 8 de Janeiro de 2002:

‘Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Livro Infantil, a ser comemorado, anualmente, no dia 18 de abril, data natalícia do escritor Monteiro Lobato.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de publicação.’

“Não há dúvida que Lobato desenvolveu um projeto político, escrevendo histórias infantis. Sua preocupação era formar o pensamento crítico da criança, acreditando que ela podia ser educada com independência de idéias e tornar-se capaz de fazer do Brasil uma grande nação” – afirma Laura Sandroni, escritora e estudiosa de literatura infanto-juvenil.

Encontramos no livro *“Furacão de Botocúndia”*, outra frase de Nelly Novaes: “ a ele coube a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado emergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando.”

Monteiro Lobato disse: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” – trecho extraído da revista *“Monteiro Lobato: vida, realidade e sonho”*, exposição realizada no Museu Histórico Nacional, em 1999.

“(..) pelo resgate do imaginário rural, seus costumes e folclore, ele aproxima o pequeno leitor do universo popular ‘Trazer a vida brasileira à consciência infantil e desenvolver um sentimento de nacionalidade atuante’, afirma Ana Mariza Filipouski, ‘foi a mais importante função da literatura de *Lobato* que, por isso, se constitui na referência máxima da literatura infantil brasileira, permanecendo ainda hoje como um desafio atual”– *Monteiro Lobato, Furacão de Botocúndia*.

“Monteiro Lobato, divisor de águas na formação da Literatura Infantil Brasileira, trouxe personagens e terras de interesse das crianças, recriando cenários bem brasileiros para suas histórias, a exemplo do Sítio do Picapau Amarelo. Introduziu a fantasia como elemento fundamental nas histórias infantis, rompendo com padrões estéticos e moralistas da época. Inaugurou, de fato, uma literatura infantil, voltada para a ludicidade da infância e, principalmente, valorizando a criança como um ser de vontades que merecia respeito. Logo, temos que cair no lugar comum e dizer que Lobato é o pai da Literatura Infantil Brasileira,

tendo influenciado gerações de escritores, bem como mostram os estudos de Roberto Witaker, em *Os filhos de Lobato*. Não é demais repetir que Lobato foi um grande incentivador da leitura, pelo caráter político de sua obra, pelas traduções de fábulas e histórias clássicas que deixou publicadas e pela paixão que tinha pela palavra, pelos livros (foi também editor) e pela leitura, lutando em campanhas para combater o analfabetismo.” – *projeto de graduação*

Conclusão

Este artigo tem por finalidade contribuir com estudo aprofundado sobre Monteiro Lobato, a imagem e o *design* em sua Literatura.

Há muitos estudos sobre Monteiro Lobato, há o seriado de TV, mas poucos são os estudos referentes a imagem no escritor.

Propomos enxergar outra faceta do escritor e entender que a arte é interdisciplinar, que a palavra diz imagem e a imagem diz palavra, que o ser humano é um todo composto por fragmentos e que estes fragmentos se relacionam formando um multicolorido e que é isso que traz riqueza e profundidade a cada projeto, que forma um conceito. Arriscamos em considerar este estudo como um estudo de design, afirmando que design é conceito, é projeto e passa pela interdisciplinaridade da arte, pois é ela que dará as respostas sensíveis para a criação de cada universo de projeto.

Bibliografia

- ANDERSEN, Hans Christian, “*Contos de Andersen*”, Editora Paz e Terra, 1997, 136 páginas
- AZEVEDO, Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos, Vladimir Sacchetta, “*Monteiro Lobato, Furação de Botocúndia*”, Editora senac, 1998, páginas 63 à 86, 113 e 114
- CARROL, Lewis, “*Alice no país da maravilha e através do espelho*”, Edição comentada, Cia das Letrinhas, 2002
- CASCUDO, Câmara, “*Contos Tradicionais*”, Ediouro
- CASCUDO, Câmara, “*Lendas brasileiras*”, Ediouro
- CASCUDO, Câmara, “*Dicionário do folclore brasileiro*”, Ediouro
- COELHO, Nelly Novaes, “*Literatura Infantil – teoria, análise, crítica*”; Editora Ática; sexta edição revista, 1997, 247 páginas
- FOLHETOS (Projeto Memória)
- “*Revivendo Lobato*”- Museu Histórico e Pedagógico Monteiro Lobato Sítio do Picapau Amarelo – Taubaté - 1999
- “*Monteiro Lobato Vida Realidade e sonho*” - Museu Histórico Nacional - 1999
- Exposição “*Visões da Emília, o olhar de sete ilustradores brasileiros*” - CCBB - 1996
- VEREDAS – revista do Centro Cultural Banco do Brasil , ano 1, nº 10, out 96
- LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO
(17 volumes) 2a série, Editora Brasiliense
- MONTEIRO LOBATO - AS JABUTICABAS , Editora Brasiliense - 4a edição, 1995
- REINAÇÕES DE NARIZINHO NO REINO DAS ÁGUAS CLARAS, Editora Brasiliense - 1a edição - outubro de 1998
- SUSKIND, Patrick – ilustrações Sempé, “*A história do Ssenhor Sommer*”, Editora Ática, 1999
- FONSECA, Joaquim, “*Caricatura, a imagem gráfica do humor*”, Artes e Ofício, 286 páginas
- KON ROSENFELD, HELENA – “*Palavra pescando não palavra: a metáfora na interpretação psicanalítica*”, Casa do Diálogo
- LAGO, Pedro Correa, “*Caricaturistas brasileiros*”, Sextante Artes, 1999

LEMOS, Renato, *“História do Brasil através da caricatura”*, Editora Letras & Expressões, 2002,

LIMA, Maria da Graça M., *“O design gráfico do livro infantil brasileiro na déc. De 70 – Ziraldo, Gian Calvi, Eliardo”*, dissertação de mestrado, 1999

LIMA, Renata Vilanova, Projeto de graduação: *“Design e Ilustrações de ‘A menina do Narizinho Arrebitado’ – primeiro capítulo do livro ‘Reinações de Narizinho’– Literatura Infantil de Monteiro Lobato*, 1999

LIMA, Renata Vilanova, *“Tese para Bolsa de Artes em Portugal”*, 1999

LINS, Guto , *“Livro Infantil?”*, Editora Rosari, 2002, 93 páginas

NIETZSHE – COLEÇÃO OS PENSADORES – 1979

MERLEAU PONTY, M- *“A linguagem e as vozes do silêncio”*, citado por Naffah, idem

PEDROSA, Israel , *“Da cor à cor inexistente”*, Sétima Edição, Léo Cristiano LTDA

SILVA, Ana Paula Zarur, de A., *“Por um estudo do Significado da Ilustração no Livro Infantil Brasileiro”*, dissertação de mestrado, 1997

PIGNATARI, DÉCIO – *“Semiótica & Literatura”*, Editora Cultrix

SANDRONI, Luciana, *“Minhas Memórias de Lobato contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa”*, Cia. das Letrinhas, 1997, 94 páginas

VALINHO ALVAREZ, REYNALDO – *“Monteiro Lobato, escritor e pedagogo”*, pg 31

VASCONCELOS DE CARVALHO, BARBARA – *“A literatura infantil, visão histórica e crítica”*, Moderna Escola Brasileira

YUNES, ELIANA – *“Presença de Lobato”*, pg. 37, divulgação e pesquisa